

“Mas você veio de um reino. Limonos, não é? Você estava em Acapulco. Fica do outro lado do continente. Certamente, você estava com outros de lá para cá. Por que você nadaria todo esse caminho sozinha?” Seu corpo fica imóvel, e o silêncio preenche a sala. “Eu estava procurando alguém.”

Isso é novidade para mim.

“Quem?”, pergunto, o pano parando no meio da coluna.

“Alguém que não quer ser encontrado”, ela diz baixinho. “Prefiro não falar sobre isso.”

“Por que não? Eu te contei sobre meu passado.”

“Nem tudo”, ela diz enquanto olha para mim.

Ela está certa — nem tudo. Se eu a importunasse mais, ela me faria confessar meus pecados mais obscuros.

Eu deixo o assunto de lado. Provavelmente é cruel continuar fazendo-a falar enquanto ela está amordaçada com uma corrente de qualquer maneira.

Eu mantenho o pano se movendo enquanto a lavo em todos os lugares, sendo extremamente gentil sobre seus seios, entre suas pernas. É impossível não excitá-la, não provocar seu apetite sexual. Eu a faço gozar sem nem querer, e não há orações que eu possa fazer que mantenham meu pau para baixo, que impeçam minha mente de afundar no lodo da depravação.

Quando termino de dar banho nela, decido me deleitar.

Eu a tiro da banheira, molhada e nua, e a deito no banco.

“Vou me alimentar de você”, digo a ela. “E você vai me deixar tomar o máximo.”

Seus olhos se arregalam de antecipação. “Você vai fazer doer?”, ela pergunta.

“Posso tentar não fazer, mas não farei nenhuma promessa.”

“Estou pedindo para você.” Ela me dá um sorriso irônico. “Faça doer.”

Seu apelo faz minhas bolas subirem, meu pau já cruelmente, dolorosamente duro.

“Tudo bem”, digo a ela, prestes a abrir a aba da minha calça.

“Tenho outro pedido”, ela diz rapidamente, e eu a encaro para continuar. “Eu quero ver você nua.”

Eu paro, minha mão dentro da calça, apertando meu pau. “Nu?”

“Eu nunca vi um homem completamente nu”, ela diz. “Não de uma forma sexual. Por favor. Você está sempre vestida, e eu sempre... não. É justo, não é?”